



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufgrs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Pereira Morato, Márcio; Simões Pimentel Gomes, Mariana; Scaglia, Alcides José; Gavião de Almeida, José Júlio

A mediação cultural no futebol para cegos

Movimento, vol. 17, núm. 4, outubro-diciembre, 2011, pp. 45-63

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115321666003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A mediação cultural no futebol para cegos¹

*Márcio Pereira Morato**

*Mariana Simões Pimentel Gomes***

*Alcides José Scaglia****

*José Júlio Gavião de Almeida*****

Resumo: Este artigo descreve e analisa os contextos e personagens responsáveis pelo desenvolvimento do futebol para cegos no Brasil. Foram entrevistados jogadores e treinadores da modalidade. O tratamento e análise dos dados pela Análise de Enunciação destacou nove categorias/indicadores. A inferência dos dados evidenciou o ciclo de mediação cultural, influenciado pelo fenômeno futebol e protagonizado pelos seguintes personagens: jogadores de futebol, família, professor/técnico, amigos e jogadores de futebol para cegos. Tais personagens interagem nos seguintes contextos para a mediação da aprendizagem da modalidade: instituto/entidade, eventos (paradesporto), seleção brasileira da modalidade e faculdades de educação física.

Palavras-chave: Futebol. Cegueira. Esportes.

¹Esse artigo é oriundo da dissertação de mestrado do autor: MORATO, Márcio P. Futebol para cegos (futebol de cinco) no Brasil: leitura do jogo e estratégias tático-técnicas, defendida na Faculdade de Educação Física da Unicamp, em 2007 e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

*Comitê Paraolímpico Brasileiro. Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP, Brasil. E-mail: mpmorato@gmail.com

**Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP, Brasil. E-mail: marianaspg@gmail.com

***Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP, Brasil. E-mail: ascaglia@terra.com.br

****Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP, Brasil. E-mail: gavião@fef.unicamp.br

1 INTRODUÇÃO

1.1 A CULTURA FUTEBOLÍSTICA NO BRASIL

O esporte é um fenômeno difundido por todo o mundo desde suas origens no âmbito da cultura européia por volta do século XVIII (BRACHT, 2003). Sua prática, realização e desenvolvimento vêm sendo reconstruídos e ressignificados a cada contexto e época, num processo ditado por diferentes sentidos, finalidades e significados (BENTO, 2004; MARQUES *et. al.*, 2009).

No Brasil, e em muitos outros países, o fenômeno esportivo que mais exerce fascínio na população é, sem dúvida, o futebol. Ele contém um conjunto de símbolos significantes de nossa cultura (BYINGTON, 1982; DAMATTA, 1982; DAOLIO, 2000). Apesar de não nascer no Brasil é uma modalidade que foi incorporada à nossa cultura; um filamento adicionado à "teia de significados" (GEERTZ, 1989) tecida pelos brasileiros. Para Daolio (1997, p.104): "Parece haver uma certa relação entre as exigências do esporte e as características sócio-culturais do povo brasileiro".

O aprender a jogar futebol no Brasil, sempre esteve respaldado neste significado. Desde crianças os brasileiros recebem bolas e uniformes dos clubes preferidos dos pais ou parentes; torcem por determinados clubes; assistem aos jogos; são incentivados a praticá-lo; e jogam em quadras, na praia, na rua ou "[...] por cada pedacinho de chão onde uma bola possa rolar" (FREIRE, 2003, p. 2). Inventaram inúmeras brincadeiras com a bola nos pés. Fizeram do verbo "jogar bola" uma identificação quase exclusiva do jogar futebol.

Mas de forma contraditória, esse mesmo contexto que significa o desenvolvimento do fenômeno, leva muitas pessoas a negarem tal significação, pois dá uma idéia de que os brasileiros já nascem sabendo jogar futebol, como se tivessem sofrido uma mutação genética ou herdado um dom divino (DAMO, 2005, 2007; GIGLIO *et al.*, 2008;

SCAGLIA, 1999, 2003). Até mesmo o Rei Pelé, ícone máximo no universo do futebol, afirma que o futebol não se aprende, desconsiderando todo esse processo de construção cultural².

Mas Scaglia (1999) demonstra que o futebol tem sido ensinado e aprendido há muitos anos no Brasil, em espaços de educação formal (escolas), não formal (escolinhas de futebol, clubes e ONGs) e informal (rua, campos de várzea e terrenos baldios). Ele classifica as propostas metodológicas para o ensino do esporte em duas escolas: a democrática e a técnica. A primeira se caracteriza pela formação global, troca entre educador e educando, construção de valores e participação de todos, tendo como objetivo final o desenvolvimento da cidadania. Já a escola técnica tem o lucro ou a profissionalização como objetivo final e, para isso, propõe uma formação específica, a transmissão e não a troca de conteúdos e, a preparação e detecção de talentos.

E cita ainda um terceiro processo de aprendizagem denominado espontaneísmo, "[...] que acredita que a criança aprende a jogar sozinha, resumindo o processo a jogos livres" (SCAGLIA, 1999, p. 4). Neste processo a presença do professor é dispensável e o fenômeno leva à prática e ensina por si só.

Apesar dos méritos deste processo, Freire (2003) acredita que ele apresenta muitos vícios, delimitados por confusões, exclusões e discriminações. Assim a figura de um mediador contribui para um refinamento e estruturação do que e de como ensinar. E a responsabilidade desse mediador é evidente já que o processo de apropriação de aspectos culturais como a prática esportiva é fator relevante para a inserção no contexto social (BALBINO, 2005; BENTO; GARCIA; GRAÇA, 1999).

²Entrevista ao Jornal Nacional, do dia 21 de janeiro de 1999 (SCAGLIA, 1999, p.35).

1.2 AS ORIGENS DO FUTEBOL PARA CEGOS

A prática do futebol por pessoas com deficiência visual teve seu início em meados da década de 1920 nas escolas e institutos especializados da Espanha (INTERNATIONAL..., 2010). No Brasil, existem relatos da prática do futebol desde a década de 1950, também em escolas e institutos especializados (FONTES, 2006).

O primeiro campeonato brasileiro foi realizado em 1986, mesmo ano do primeiro campeonato espanhol, mas somente em 1994 a *International Blind Sports Federation (IBSA)* unificou as regras da modalidade, possibilitando a realização de eventos internacionais (FONTES, 2006). O Brasil é tricampeão mundial (1998, 2000 e 2010) e bi-campeão paraolímpico (2004 e 2008) (INTERNATIONAL..., 2010).

As pessoas com deficiência visual buscaram adaptações ao jogo antes mesmo da regulamentação da modalidade. Colocavam tampa de garrafa na parte externa de uma bola; saco plástico como revestimento; chutavam latas ou tampas; colocavam pedras dentro de garrafas plásticas; inventavam "bolas" que produzissem som quando em deslocamento (FONTES, 2006; ITANI, 2004; MATARUNA et al., 2005).

Souza (2002) cita a criação do gol a gol pelos alunos do Instituto Benjamim Constant, no Rio de Janeiro. Um jogo armado com um número não determinado de jogadores e praticado nos intervalos das aulas, com a utilização de bolas envoltas com saco plástico no espaço demarcado pelas pilastras e teto do pátio da instituição. Cada equipe tenta marcar gol na meta adversária respeitando um aviso verbal do oponente para a autorização do chute.

Tal vontade de jogar futebol serviu também de motivação para a fundação de entidades e associações para o atendimento de pessoas com deficiência visual em âmbitos gerais além do esporte (FONTES, 2006; ITANI, 2004).

Por mais que as pessoas cegas se incluam numa cultura que preconiza tanto o sentido visual³, elas percebem e participam do mundo que as rodeia de maneira específica⁴. E são essas particulares percepções de um fenômeno que criam as diferentes formas de lidar com ele. Nesse sentido, apesar da especificidade do futebol para cegos e de suas diferenças em relação ao futebol ou ao futsal, ele é expressão do fenômeno nas possibilidades destas pessoas. É, ao mesmo tempo, uma nova modalidade, sem deixar de ser futebol.

Partindo-se desse entendimento da construção cultural do fenômeno futebol e sua abrangência nas mais diversificadas populações, além de sua relevância no Brasil, este texto objetiva descrever e analisar os contextos e personagens responsáveis pelo desenvolvimento do futebol para cegos no país.

2 DECISÕES METODOLÓGICAS

Com a delimitação do problema centrada no objetivo exposto anteriormente, as características dessa pesquisa requeriam uma investigação qualitativa de caráter descritivo e analítico. Desta forma, buscou-se absorver ao máximo as informações colhidas nos relatos orais dos sujeitos⁵, discutindo e analisando seus conteúdos evidentes e latentes (THOMAS; NELSON, 2002).

³Metade do córtex cerebral é dedicado a visão (SACKS, 1995) e 70% dos receptores dos sentidos do corpo humano estão localizados nos olhos (ACKERMAN, 1996).

⁴Alguns já nascem cegos ou perdem a visão antes do primeiro ano de vida (cegueira congênita), não se lembrando de qualquer informação visual; outros perdem a visão posteriormente (cegueira adquirida) (MENESCAL, 2001) e dizem se lembrar de algumas imagens, que vão se perdendo no decorrer da vida com o desuso da memória visual (SACKS, 1995).

⁵O projeto de pesquisa (com número de protocolo 371/2005) foi aprovado sem restrições pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (CEP/FCM/UNICAMP).

Para tal, foi utilizada a entrevista semi-estruturada (TRIVIÑOS, 1987) junto a dez personagens do contexto da modalidade - seis jogadores⁶ e quatro técnicos⁷.

Para o tratamento, análise e interpretação dos dados recorreu-se a uma das técnicas da análise de conteúdo: a análise de enunciação. Esse tipo de análise é complementar à análise temática, que recorta o conjunto das entrevistas através de uma grelha de categorias projetada sobre os conteúdos (BARDIN, 1977).

As perguntas geraram um conjunto de categorias de análise - INSTITUTO/ENTIDADE, PROFESSOR/TÉCNICO, AMIGOS, EVENTOS, FAMÍLIA, JOGADORES DE FUTEBOL, JOGADORES DE FUTEBOL PARA CEGOS, SELEÇÃO BRASILEIRA, FACULDADE - fruto de aspectos latentes encontrados nos discursos dos interlocutores.

Após uma primeira análise de todos os discursos (entrevistas) para a determinação das temáticas supracitadas, realizou-se a inferência individual para que cada discurso fosse novamente analisado em sua singularidade, dentro dos diferentes indicadores e do sentido atribuído a eles por cada interlocutor.

Esta etapa proporcionou subsídios para a realização da inferência coletiva. Assim, pudemos discutir e refletir sobre os significados de cada temática.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise dos dados evidencia a influência do fenômeno futebol no desenvolvimento da modalidade. Os ídolos atuais e ex-ídolos do

⁶Dois dos jogadores entrevistados já foram artilheiros em competições internacionais (Mundial e Paraolimpíada) e também considerados os melhores jogadores de futebol para cegos do mundo. Todos eles praticam a modalidade a mais de 13 anos e integraram a seleção brasileira nos Jogos Paraolímpicos de Atenas 2004, nos Pan-americanos de Cegos em 2005 e no Mundial de 2006. E ainda, quatro deles estiveram na conquista do bicampeonato paraolímpico em Pequim 2008 e no tri-mundial em Hereford 2010.

⁷Todos os técnicos são formados em Educação Física e trabalham com a modalidade a mais de 15 anos (a mais de 20 anos em dois casos). Também já dirigiram a seleção brasileira da modalidade.

futebol mundial aparecem como inspiradores dos entrevistados. A predileção por um clube, o acompanhamento dos jogos de sua equipe e de seus ídolos do futebol expuseram os entrevistados aos símbolos valorizados pela cultura deste país, motivando a busca pela prática do esporte nacional.

[...]a gente vê alguns craques, algumas pessoas que são lendas como dizem que foi Pelé, como dizem que foi Maradona, que eu não vi jogar, mas tô assistindo o Zidane jogar, então... o Ronaldinho Gaúcho, o próprio Robinho, então quer dizer, são atletas que, que você tem como ídolo [...] a gente não tem o mesmo prestígio que eles, mas a gente tenta buscar nosso lugar ao sol. [...] a gente não sonha ganhar um tanto que um Ronaldinho ganha, mas peraí, a gente pode ganhar pelo menos um pouquinho [...] do que se paga para pessoa que enxerga, né, poderia se pagar um pouquinho para pessoa que não enxerga também, né. Não tem mal nisso, em se remunerar um deficiente, né. Ele também mostra futebol e... e é um bonito futebol (JOGADOR 2).

Na realidade eu comecei a jogar como a maioria das crianças brasileiras aí, quando muito pequeno e depois acabei ficando cego e só prossegui jogando a partir do momento que descobri que existia o futebol de cegos e sempre joguei porque eu gosto muito de futebol, na realidade é paixão da maior parte dos brasileiros né, e na verdade o amor ao futebol foi o que me levou sempre tanto a iniciar como a prosseguir a prática esportiva (JOGADOR 6).

Ser jogador de futebol ainda é o sonho de muitas crianças nesse país e não é diferente também para algumas pessoas cegas. A deficiência não lhes priva de comportamentos ou sentimentos infantis. Porém, o histórico do preconceito para com as pessoas com deficiência determinou grande parte do contexto social ao qual estão inseridas e da discriminação a elas direcionadas.

São marcas que deixaram cicatrizes nos entrevistados, determinando certa repulsa à diferença de interesse, de investimento

e de tratamento da mídia, dos órgãos gerenciadores e do público em geral para com a modalidade esportiva que praticam, já que eles representam a nação como qualquer outro atleta. Porém, muitos avanços têm acontecido nesse âmbito e o esporte é peça fundamental nesse processo, proporcionando aumento de espaço na mídia e de participação dessas pessoas em muitos contextos antes cerceados.

Pelo esporte a discriminação tem sido questionada, pois a deficiência dá lugar à eficiência; e a limitação à potencialidade. Os jogadores demonstram sua capacidade e isso influencia o fenômeno e o contexto social, formando um ciclo que volta a influenciar as pessoas com deficiência a questionarem a discriminação e a demonstrarem sua eficiência. São avanços buscados pelas próprias pessoas nessas condições, no exercício de sua cidadania e na constante busca de seus direitos.

O contexto de grande influência na formação das pessoas com deficiência visual para a conscientização de seus direitos é, indubitavelmente, o vivido em seus institutos, entidades ou associações. Tema evidente nos relatos de todos os entrevistados. Órgãos especializados ao atendimento às peculiares características das pessoas com deficiência, nos mais diversos âmbitos de sua formação.

A possibilidade de convivência com pessoas em condições semelhantes mostrou-se positiva para o crescimento dos jogadores entrevistados. Estar com seus iguais estimula a busca por interesses próprios às suas características. Segregação que incluiu, que contribuiu para a aceitação da deficiência e para a formulação da identidade dos entrevistados.

É também o contexto primordial para a prática esportiva e o desenvolvimento do futebol para cegos. Por ser um objeto social, construto humano e de relações humanas, o instituto/entidade não fica "imune ao vírus" do fenômeno futebol. Tanto os entrevistados

com cegueira congênita quanto aqueles que a adquiriram, encontraram no instituto/entidade um local propício para o desenvolvimento de suas potencialidades, sendo a prática esportiva importante nesse aspecto.

[...] uma vez o professor NOME⁸ tava... é, reunindo um grupo para jogar bola [...] e aí eu entrei nesse grupo e aí eu já vinha jogando bola com os meninos antes né, com bola com saco plástico envolvido, sacola plástica envolvido na bola para fazer som, mas é, assim, com mais, com mais perfeição, com mais técnica, eu comecei né, a partir desse momento (JOGADOR 1).

Eu perdi minha visão com... em 91 né, aí passei dois anos em Belo Horizonte fazendo tratamento aí quando eu voltei pra Paraíba, [...] tinha um instituto dos cegos em Campina Grande, aí eu fui pra morar lá no instituto, lá tinha a prática do esporte, futsal, natação, aí eu comecei [...] em 94 (JOGADOR 5).

No instituto há uma relação muito próxima entre personagens influenciadores e mediadores do aprendizado do futebol de cegos: professores/técnicos e amigos. Personagens que estimulam e concretizam a prática da modalidade.

Os professores/técnicos foram lembrados pelos jogadores ao relatarem suas histórias no esporte e as influências em seu aprendizado. Contribuíram para a formação dos jogadores e para a difusão da modalidade, orientando-os em relação ao patrimônio existente de técnicas e táticas específicas.

Existe grande consideração dos jogadores para com seus professores/técnicos, mas em um caso específico esse sentimento se eleva e o professor/técnico é considerado um pai pelo entrevistado.

⁸Diante de questões éticas e usuais em trabalhos científicos, os nomes dos jogadores e técnicos atualmente envolvidos no contexto do futebol para cegos, serão preservados e substituídos pela palavra "NOME".

E o treinador influenciava muito, porque na verdade, ele... tornou-se como um pai para gente. Não era somente um treinador, era também um pai, dava conselhos extra no caso futebol, extra quadra. Então ele também influenciou bastante (JOGADOR 3).

Esse fato demonstra a responsabilidade de ser um educador, diante da influência que tal papel exerce na formação de valores e no desenvolvimento dos alunos.

Também ficou evidenciada a influência que os alunos exerceram no aprimoramento dos professores em relação ao patrimônio do futebol para cegos. Fato que demonstra a importância de uma via bidirecional na aprendizagem e que o ensino está além da transmissão; é uma construção de saberes.

Eu não tinha contato nenhum porque na época que eu fiz faculdade não tinha é... a educação física adaptada, essa disciplina. [...] E aí eu entrei em contato com eles, eles me apresentaram, mostraram como que era as regras, a bola e aí eu comecei o trabalho com eles. Meio assim... conhecendo, uma troca. Eles me passavam algumas coisas e eu ia aprendendo. Aí foi a primeira competição. Aí você tem troca com outros técnicos e aí você vai pegando. Fui pegando algumas coisas da faculdade, do futebol que eu conhecia e comecei [...] colocar, coloquei na parte de desenvolvimento deles [...] (TÉCNICO 1).

Os professores/técnicos entrevistados encontraram nos institutos um contexto de formação continuada. Local onde tiveram uma oportunidade de trabalho e onde conheceram o movimento paradesportivo, pois nenhum dos entrevistados teve acesso ao conteúdo durante sua graduação. Mesmo assim utilizaram conteúdos do curso, a experiência no futsal/futebol e a troca com outros técnicos e com seus alunos para criarem métodos adaptados às características das pessoas cegas.

Ainda em relação à mediação do ensino, outro assunto recorrente no fenômeno futebol também foi encontrado no âmbito do paradesporto: o dom ou talento inato para a prática do futebol.

Um entrevistado não acredita ser possível aprender a jogar futebol sem ter talento e outros acreditam que já possuíam certos pré-requisitos e que os professores/técnicos foram responsáveis por "lapidá-los". Termo que reverbera a influência do fenômeno futebol, pelo uso da terminologia encontrada em depoimentos de atores envolvidos (jogadores, técnicos, jornalistas, dentre outros personagens).

[...] eu acho que a influência maior mesmo foi a do professor NOME né que... que foi quem é... lapidou a técnica que eu já tinha e aí assim, na realidade eu tenho em mente mesmo os aprendizados do prof. NOME somente (JOGADOR 1).

Ah eu acho que, eu particularmente penso que é nato né, a pessoa acho que tem, nasce com o dom, e é obvio que ela desenvolve isso agora se a pessoa não tem o dom infelizmente não tem como aprender não (JOGADOR 6).

O embate entre dom e aprendizado é muito discutido no futebol e digno de uma tese (DAMO, 2005, 2007) e por tal fato não há como deixar de citar um tema que evidencia tão bem os símbolos nacionais. A relevância de sua latência concilia-se com a mediação de outros personagens encontrados principalmente no contexto instituto/entidade e já citados nos parágrafos anteriores: os amigos.

Tais personagens foram os parceiros do lazer dos jogadores entrevistados. Eles "viviam" o futebol juntos, jogando nos intervalos ou em qualquer tempo ocioso que tinham no instituto. União potencializadora da criatividade, na invenção de jogos e brincadeiras e adaptação de materiais e regras. Parceiros também na dedicação aos treinos, na influência para a iniciação na equipe do instituto e no incentivo seletivo para a continuidade da prática aos que se apresentavam mais hábeis.

A gente terminava o almoço, a gente ia jogar bola, intervalo né, recreio a gente tava jogando bola é, às vezes entre o café da manhã, entre o café da manhã e a aula a gente jogava bola também, era o tempo inteiro, né (JOGADOR 1).

Os colegas chamaram para ir jogar. A gente começa jogando lá atrás na defesa né, porque não sabe nada e então você sempre, eles... o pessoal põe você para jogar lá atrás. Por sorte eu... tinha um pouquinho de habilidade então, quem vai tendo habilidade acaba se destacando naturalmente, acaba melhorando a sua qualidade, acaba ganhando espaço (JOGADOR 4).

Para além da discussão de dom e talento inato é inegável a grande exercitação e a constante prática pelo contato com outros alunos. Mesmo dentro de um ambiente formal como os institutos, havia espaço também para o espontaneísmo, estimulado pelo ambiente vivido lá dentro. Pode mesmo haver um processo de "seleção cultural" no futebol como ocorre também em qualquer outra área. Mas, não fossem essas experiências, essa troca com semelhantes, esse "jogar fora de hora" e principalmente a vontade de jogar num ambiente que propiciava isso, muitos atletas em potencial não teriam descoberto sua predisposição.

Relevância para inferir que mesmo no paradesporto o futebol tem sido ensinado e aprendido de diferentes formas no Brasil. E é exatamente essa cultura futebolística vivida pelos brasileiros que os faz esquecer de toda a mediação existente em torno desse fenômeno para passar a acreditar num possível dom divino dessa nação.

No caso dos técnicos entrevistados foi constatado de forma unânime, que por convite ou influência de amizades, eles tomaram conhecimento do paradesporto e iniciaram na área. Um dos técnicos já conhecia o movimento por influências familiares, mas a oportunidade de trabalho também surgiu pelo convite de um amigo.

A interação desses personagens (professores/técnicos-alunos/amigos) num mesmo contexto (instituto/entidade) propicia a formação de equipes representativas dos institutos. Com as equipes formadas existe a possibilidade de inserção no movimento paradesportivo. Estes eventos aparecem como contextos férteis na possibilidade de troca de experiências; de descobertas do patrimônio da modalidade; de reencontro com amigos de outras entidades; de viagens e conhecimento de outras realidades.

Os eventos, juntamente com os institutos/entidades, aparecem nos relatos como os contextos de maior possibilidade de troca para a aprendizagem.

A participação em eventos gera histórias das equipes e dos jogadores. Essas histórias difundem-se pelos institutos, transformando esses jogadores em modelos para os alunos mais novos e enchendo-os de motivação para iniciar a prática ou para continuarem praticando.

É, na verdade quando eu comecei a jogar assim, eu gostava do futebol do menino que já faleceu, [...], foi o Marco Antônio e ele era conhecido como Plê... e saiu até numa revista francesa, dizendo que ele era o Pelé dos cegos, então eu gostava muito do futebol do Plê, que era um futebol meio arte, um futebol meio brincalhão (JOGADOR 3).

Olha! Ídolo, ídolo, ídolo no futebol de cinco não... eu não tenho ídolo assim que eu pude... eu gosto muito, sempre gostei muito do NOME da ADEVIBEL, um rapaz que jogava na ADEVIBEL, pela habilidade que ele tinha, pelo toque que ele tinha de bater na bola, os chutes cruzados muito bons. Foi o único cego que eu vi que fazia peteca [embaixadas] com a bola realmente, fazia bolinha (JOGADOR 4).

Tais modelos auxiliam a transmissão do patrimônio da modalidade e representam o ideário do fenômeno nesse país: o futebol-arte. Porém, apesar do reconhecimento existente para com os jogadores contemporâneos, os entrevistados se negam a referenciá-los como ídolos, demonstrando uma inferioridade em relação ao tratamento dado aos ídolos do futebol mundial. Sentimento recriminado pelos próprios entrevistados, mas também demonstrando em suas falas. Infere-se que a proximidade entre os jogadores, o contato freqüente, o pouco tempo de institucionalização da modalidade e a ainda pequena divulgação midiática, podem justificar ou significar esse comportamento.

O destaque em eventos pode render a convocação para integrar a seleção nacional. Fazer parte da seleção representa a possibilidade

de reconhecimento pelo que faz e de tornar-se modelo para futuras gerações. Tal reconhecimento dificilmente sai da área do paradesporto, mas se apresenta grandioso dentro dela.

[...] antes de ontem eu fiquei muito alegre quando um menino de Campos, ele chegou para mim falando que é meu fã. Então isso gratifica, isso te dá uma, uma alegria no trabalho que você faz, te dá uma força para o trabalho que você faz, né. (JOGADOR 2).

As histórias e notícias da seleção e o reconhecimento mundial pelos bons resultados obtidos faz aumentar o interesse da mídia, das pessoas com deficiência visual, de profissionais da área de educação física e de outros personagens do esporte. Esse aumento de interesse contribui para o crescimento da modalidade e afeta o fenômeno futebol como um todo.

Além de todas essas influências exercidas nos jogadores entrevistados, um depoimento em especial pode demonstrar o papel da família nesse processo.

É, na verdade, eu já brincava, vamos dizer assim, de bola desde os meus seis anos de idade, que eu via meus irmãos brincando e eles queriam que, assim como toda criança, também pudesse tar brincando com eles, daí a gente começou a criar... um chegou colocando a sacola na bola para ela fazer barulho para que eu pudesse estar jogando com eles e a gente via que tava dando certo e eu conseguia ouvir a bola e conseguia ficar me divertindo com eles (JOGADOR 3).

Muitas famílias por preconceitos ou por falta de conceitos podem criar um ambiente de desvantagem para seus entes. Mas esse entrevistado encontrou na compaixão dos irmãos em procurar uma forma de incluí-lo, a possibilidade de iniciar a prática por meio de adaptações na bola e nas atividades. Casos como esse demonstram que apesar da deficiência gerar uma limitação, as possíveis desvantagens em relação a isso podem ser amenizadas por pequenas ações que diminuam a exclusão e o preconceito, como a demonstrada pelos irmãos desse entrevistado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com auxílio da Figura 1 procura-se ilustrar e sintetizar a discussão do ciclo de mediação cultural no futebol para cegos.

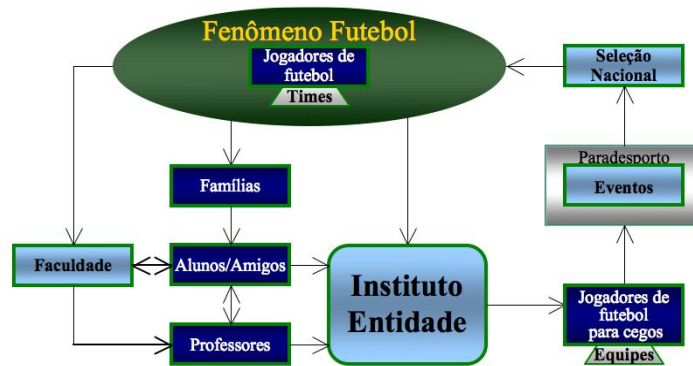


Figura 1 - O ciclo de mediação cultural no futebol para cegos.

O fenômeno futebol vivenciado e dramatizado no Brasil produz uma intrigante relação de "religiosidade" entre os times e seus torcedores. Essa relação possibilita a transformação dos jogadores prediletos em ídolos do esporte, realimentando o fenômeno.

O futebol marca presença nos cursos de educação física e também no ambiente familiar dos torcedores, influenciando suas dinâmicas de vida.

Os profissionais vindos das faculdades são levados por amigos aos institutos especializados no atendimento de pessoas com deficiência. As crianças e adolescentes com deficiência chegam aos institutos/entidades munidos da bagagem futebolística adquirida no convívio social. No instituto, professores e alunos também se deparam com a influência do fenômeno futebol e interagem mediados por ele.

A simbiose alunos/professores/fenômeno, forma jogadores de futebol para cegos e inicia equipes para participarem de eventos no movimento paradesportivo, em que existe grande troca de experiências, contribuindo para a aprendizagem e aperfeiçoamento dos alunos/jogadores.

Aqueles que se destacam nos eventos são convocados para a seleção nacional e representam a nação em eventos internacionais, voltando a interferir no fenômeno futebol e dando início a um novo ciclo de interminável fluxo de retro alimentação positiva.

E assim, o futebol para cegos caminha e busca seu espaço no país do futebol.

The cultural mediation in football 5-a-side

Abstract: This study describes and analyzes the contexts and characters that mediate the football 5-a-side development in Brazil. Football 5-a-side players and coaches were interviewed. The data treatment and the analysis by Enunciation Analysis emphasized nine categories. The data inferences showed the cultural mediation circle is influenced by the football phenomenon and started by the following characters: football players, family, teacher/coach, friends and football 5-a-side players. These characters interact in the following contexts for the sport's learning mediation: institute/entity, events (adapted sport), Brazilian team and Physical Education courses.

Keywords: Football. Blindness. Sports.

La mediación cultural en el fútbol para ciegos

Resumén: Este artículo describe y analiza los contextos y los personajes responsables por el desarrollo del fútbol para ciegos en Brasil. Entrevistamos a los jugadores y entrenadores del deporte. El tratamiento y análisis de los datos a través del Análisis de Enunciación destacó nueve categorías/indicadores. La inferencia de los datos indica el ciclo de mediación cultural, influenciado pelo fenómeno fútbol y jugado por los siguientes personajes: los jugadores de fútbol, la familia, professor/entrenador, amigos y jugadores de fútbol para ciegos. Estos personajes interactúan en los siguientes contextos para mediar el aprendizaje del deporte: instituto/organización, eventos paradesportivos, el equipo brasileño y las facultades de educación física.

Palabras-Clave: Fútbol. Ceguera. Deportes.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, Diane. **Uma história natural dos sentidos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

BALBINO, Hermes F. **Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos**. 2005, 287 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

Movimento, Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 45-63, out/dez de 2011.

BENTO, Jorge O. **Desporto**: discurso e substância. Porto: Campo das Letras, 2004.

BENTO, Jorge O; GARCIA, Rui; GRAÇA, Amândio. **Contextos da pedagogia do desporto**: perspectivas e problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 2. ed. rev. Ijuí: Unijuí, 2003.

BYINGTON, Carlos. A riqueza simbólica do futebol. **Psicologia Atual**, São Paulo, v.5, n.25, p. 20-32, 1982.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei S. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. **Do dom à profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, Anpocs, 2007.

DAOLIO, Jocimar. As Contradições do Futebol Brasileiro. In: CARRANO, Paulo. C. R. (Org.). **Futebol**: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura Educação Física e Futebol**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

FONTES, Mário S. **Futebol de cinco para cegos**. In: CASTELLI, Dolvair P.; FONTES, Mário S. Futebol paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

FREIRE, João B. **Pedagogia do futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIGLIO, Sérgio S. et al. O dom de jogar bola. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. de 2008.

INTERNATIONAL Blind Sports Federation (IBSA). **Fútbol Sala**. Disponível em: <<http://www.ibsa.es/esp/deportes/football/presentacion.htm>>. Acesso em: 20 set. 2010.

ITANI, Daniela E. **Futebol de cinco**: um esporte possível para cegos. 2004, 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MARQUES, Renato F. R. et. al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 365-77, out./dez. de 2009.

Movimento, Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 45-63, out/dez de 2011.

MATARUNA, Leonardo *et. al.* Inclusão social: esporte para deficientes visuais. *In*: DaCOSTA, Lamartine (Org.) **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MENESCAL, Antônio. A criança portadora de deficiência visual usando o seu corpo e descobrindo o mundo: atividades físicas e esportivas. *In*: MINISTÉRIO DO ESPORTE E TURISMO/ SECRETARIA NACIONAL DE ESPORTE. **Lazer, atividade física e esporte para portadores de deficiência**. Brasília: Sese-DN, 2001.

SACKS, Oliver W. **Um antropólogo em Marte**: sete histórias paradoxais. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCAGLIA, Alcides J. **O futebol que se aprende e se ensina**. 1999. 242 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés**: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SOUZA, Ramon P. de. Futsal para cegos: uma proposta para a iniciação. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, p.3-6, ago. 2002.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/Brasil, pelo apoio financeiro concedido para a realização deste trabalho.

Endereço para correspondência:

Márcio Pereira Morato

Rua do Sol, 148 - Camélia 31

Bairro Jardim do Sol

CEP 13085-260

Campinas-SP, Brasil

+55-19-3521-6616

Recebido em: 10. 11. 2010

Aprovado em: 30.05. 2011

Movimento, Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 45-63, out/dez de 2011.

